

Ela viu Getúlio

Cecilia Almeida

O caminho era o de todo dia. Sair de casa na Praia do Flamengo e atravessar os Jardins do Palácio do Catete em direção à estação do metrô, em frente ao prédio histórico, para ir ao trabalho no Centro. E foi então que aconteceu. Ela viu Getúlio. Ali, bem na frente dela, caminhando lentamente, mãos às costas segurando os óculos. Aparição? Viagem no tempo? Delírio? Experiência *post-mortem*? Como saber? O certo é que nada ali parecia etéreo.

A dimensão física se fazia sentir. Ela conseguia ouvir os seus passos lentos, porém firmes, no chão, sentir a sua respiração. Se deu conta do inusitado da situação – afinal já se haviam passados quase 60 anos da morte do Presidente Getúlio Vargas – e manteve uma distância cautelosa: não tão distante que a fizesse perder aquele momento, nem tão próxima que sua presença pudesse ser percebida. Tinha aprendido em um seriado que assistiu na infância que não poderia interferir no passado sob o risco de também vir a modificar o futuro.

A pessoa à sua frente parecia um pouco mais alta e robusta do que imaginava, a julgar pelas imagens dos registros antigos ou dos livros escolares. Mas sua postura, os óculos de aro redondo, dourado, reforçava seu sentimento de que a pessoa à sua frente era Getúlio Vargas. Não fosse por tudo isso, o local desse encontro – as aleias dos jardins do Palácio do Catete – não deixava margem à dúvida. Era ele mesmo que caminhava pelos fundos do suntuoso edifício neoclássico que abrigou a sede da Presidência da República até 1960. O mesmo prédio onde Gegê, como era carinhosamente chamado pelo povo, exerceu seu mandato como Presidente por dois períodos e que acabaria sendo palco do seu trágico fim.

Ela continuava a seguir o alvo de suas elocubrações. Observava seus passos lentos, a cabeça baixa, o jeito pensativo e lembrava de tudo o que ouviu de seus pais a respeito desta figura mítica: o cavalo no obelisco, as manifestações do Dia do Trabalho no estádio do Vasco da Gama, o velório, o enterro... “Bota o retrato do Velho outra vez, bota no mesmo lugar!”, sabia cantar desde criança. Também lembrava das vezes que, ainda pequena, presenciou o pranto emocionado de quem visitava o quarto onde ele havia tirado a própria vida. O pijama listrado marcado à bala e manchado de sangue à altura do peito era o ápice da visita ao já então Museu da República. Na época não tinha noção do que isso representava.

Mas, então, que Getúlio era aquele? O revolucionário de 1930? O ditador de 1937? O democrata

de 1951? O apossado de 1954? Os cabelos grisalhos apontavam para um momento mais tardio, ela concluiu. Será que já estaria vivendo as agruras do ataque ao “mar de lama” perpetrado por Lacerda, que acusava Getúlio de ser o mandante do atentado à bala da qual foi vítima? Pensava ali em como se livrar do cerco que se fechava em torno dele por políticos que queriam sua renúncia? Pior: estaria ele, naquele momento, refletindo sobre os termos de sua carta testamento? “Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue.” “Ao ódio respondo com perdão. E aos que pensam que me derrotam respondo com a minha vitória.” “Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate.” Seriam aqueles passos, que ela acompanhava, os primeiros no caminho da eternidade? Pela primeira vez pensou a sério em abordar a pessoa à sua frente. Quem sabe suas palavras pudessem demovê-lo da intenção de praticar aquele ato extremo. Bobagem, concluiu, deixe a história seguir seu rumo e a nação o seu destino. E se não fosse nada disso? E se ele estivesse apenas lembrando o último encontro que teve com a vedete?

Entretida que estava em seu drama de consciência, não percebeu quando a figura esvaneceu. Já estavam próximos ao prédio principal do Palácio do Catete, ele deve ter entrado, ela pensou. Não podendo continuar a segui-lo, retomou seu trajeto em direção à estação do metrô a caminho do trabalho. Logo seus pensamentos se voltaram para as preocupações mais terrenas e cotidianas: os filhos pequenos, as questões profissionais, o preço da passagem do metrô pela hora da morte. Embarcou no vagão da composição e uma vez sentada, como de hábito, abriu a edição do dia do jornal impresso. No caderno de cultura, uma pequena nota chamou sua atenção.

“Começam hoje as filmagens do filme ‘Getúlio, os últimos dias de um Presidente’. A produção terá como cenário as instalações do Palácio do Catete e contará com Tony Ramos no papel título.”